

DANIEL H. WILSON

ROBOPOCALIPSE

Tradução de
Flávia Souto Maior

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Wilson, Daniel H., 1978–
W719r Robopocalypse / Daniel H. Wilson; tradução de Flávia Souto Maior. –
1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2017.

Tradução de: Robopocalypse
ISBN: 978-85-01-09539-8

1. Romance americano. I. Maior, Flávia Souto. II. Título.

17-42043

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original:
ROBOCALYPSE

Copyright © 2011 by Daniel H. Wilson

Esta tradução foi publicada mediante acordo com Doubleday, um selo do
Knopf Doubleday Publishing Group, uma divisão de Random House, Inc.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte,
através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-09539-8

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Sumário

Briefing	9
----------	---

PARTE 1: INCIDENTES ISOLADOS

1. Ponta da lança	23
2. Freshee's Frogurt	32
3. Controlador	43
4. Corações e mentes	54
5. Superbrinquedos	72
6. Ver e evitar	80
7. <i>Phreak</i>	88
8. Plataformista	100

PARTE 2: HORA H

1. Mastigador de números	117
2. Demolição	122
3. Rodovia 70	136
4. Gray Horse	146
5. Vinte e dois segundos	158
6. Avtomata	167
7. <i>Memento Mori</i>	179
8. Herói de verdade	188

PARTE 3: SOBREVIVÊNCIA

1. <i>Akuma</i>	203
2. Exército Gray Horse	214
3. Forte Bandon	228
4. Serviço de escolta	242
5. Aracnodroide	252
6. Band-e-Amir	265
7. Espinha dorsal	276

PARTE 4: DESPERTAR

1. Transumano	291
2. Chamado à luta	305
3. Como os caubóis	309
4. Despertar	321
5. O véu, levantado	328
6. Odisseia	336

PARTE 5: RETALIAÇÃO

1. O destino de Tiberius	343
2. Libertos	355
3. Eles não vão envelhecer	367
4. Díade	381
5. Máquinas de adorável graça	387
Debriefing	399

Briefing

“Somos uma espécie melhor por termos lutado nessa guerra.”

CORMAC “ESPERTINHO” WALLACE

Vinte minutos depois do fim da guerra, vejo amputadores brotando de um buraco no gelo como formigas do inferno e rezo para continuar com as minhas pernas por mais um dia.

Os robôs, do tamanho de nozes, mesclam-se indistintamente enquanto escalam uns nos outros, e o amontoado infernal de pernas e antenas se funde em uma massa efervescente e mortal.

Com os dedos dormentes, baixo os óculos de proteção, colocando-os sobre os olhos, e me preparo para lidar com o meu pequeno amigo Rob, aqui.

A manhã está estranhamente calma. Ouve-se apenas o suspiro do vento passando por galhos desfolhados e o sussurro rouco de cem mil hexápodes mecânicos explosivos em busca de vítimas humanas. No céu, gansos-das-neves grasnam enquanto planam sobre a paisagem gelada do Alasca.

A guerra acabou. É hora de ver o que vamos encontrar.

De onde estou, a dez metros do buraco, as máquinas assassinas parecem quase belas na alvorada, como doce transbordando do *permafrost*.

Olho para o sol com os olhos semicerrados, respirando com dificuldade, e penduro meu lança-chamas surrado no ombro. Com o polegar enluvado, pressiono o botão de ignição.

Faísca.

O lança-chamas não acende.

Ele precisa esquentar, por assim dizer. Mas os amputadores estão se aproximando. Sem problema. Já fiz isso dezenas de vezes. O truque é ficar calmo e ser metódico, exatamente como eles. Devo ter aprendido isso com o Rob nesses últimos anos.

Faísca.

Agora vejo cada um dos amputadores. Um emaranhado de pernas pontudas conectadas a uma carapaça bifurcada. Sei, por já ter visto muitas vezes, que cada lado da carapaça contém um fluido diferente. O calor da pele humana dá início à reação. Os fluidos se combinam. *Pop!* Alguém ganha um cotoco novinho.

Faísca.

Eles não sabem que estou aqui. Mas os batedores estão se espalhando em padrões semialeatórios baseados no estudo do Grande Rob sobre formigas forrageadoras. Os robôs aprenderam muito sobre nós, sobre a natureza.

Agora não vai demorar muito.

Faísca.

Começo a me afastar lentamente.

— Vamos, seu cretino — murmuro.

Faísca.

Isso foi um erro: falar. O calor da minha respiração é como um farol. A onda de horror oscila na minha direção com movimentos silenciosos e rápidos.

Faísca.

Uma líder dos amputadores sobe na minha bota. Preciso ter cuidado agora. Não posso reagir. Se ela estourar, eu perco um pé, na melhor das hipóteses.

Eu não devia ter vindo para cá sozinho.

Faísca.

Agora a onda está no meu pé. Sinto um puxão na caneleira coberta de gelo enquanto a líder me escala como a uma montanha. Antenas de filamentos de metal passam fazendo *tec, tec, tec*, procurando o calor que vai entregar a presença de carne humana.

Faísca.

Ai, meu Deus. Vamos, vamos, vamos.

Faísca.

Haverá uma diferença de temperatura na altura da cintura, onde o colete à prova de balas está rachado. De armadura, uma explosão na altura do torso não seria uma sentença de morte, mas também não seria bom para as minhas bolas.

Faísca. Vuuuush!

Acendeu. Um jato de fogo sai do meu lança-chamas. O calor esquenta o meu rosto, e o suor das minhas bochechas evapora. Minha visão periférica se estreita. Tudo que vejo é o arco formado pelo jato de fogo controlado que lanço sobre a tundra. Uma pasta gelatinosa reveste o rio da morte. Os amputadores fritam e derretem aos milhares. Ouço um coro de lamentos agudos enquanto o ar gelado preso em suas carapaças se esvai.

Não há explosões, apenas o crepitar de uma labareda ou outra. O calor faz com que o fluido em suas carapaças evapore antes que possa detonar. A pior parte é que eles nem se importam. São simplórios demais para entender o que está acontecendo.

Eles adoram o calor.

Volto a respirar quando a líder se desprende da minha coxa e corre para as chamas. O ímpeto de pisar na pequena mãe é forte, mas já vi botas serem lançadas longe por isso. No início da Nova Guerra, o

estampido seco gerado pela explosão indesejada de um amputador e os gritos confusos, furiosos, que vinham logo em seguida, eram tão comuns quanto tiros.

Todo soldado diz que o Rob adora festas. E, quando ele começa, é um belo parceiro de dança.

O último dos amputadores, em um ato suicida, recua para a massa fumegante de calor, encontrando os corpos fritos dos seus companheiros.

Pego o meu rádio.

— Espertinho para base. Poço quinze... Armadilha explosiva.

A caixinha emite um chiado com sotaque italiano na minha cara.

— Entendido, Espertinho. Aqui é o Leo. Vamos. Arrasta essa bunda para o poço *numero sedici*. Puta merda. Temos algo grande aqui, chefe.

Volto para o poço dezesseis, meus passos esmigalhando o gelo para ver com os próprios olhos o que havia de tão grande.

Leonardo é um soldado grande, maior ainda por causa do robusto exoesqueleto para membros inferiores — EEXMI — que ele pegou em uma estação de resgate na montanha ao cruzar o sul de Yukon. Ele cobriu a cruz branca que identificava o EEXMI como equipamento médico usando spray preto. O pelotão amarrou uma corda em sua cintura. Ele está recuando, um passo de cada vez. Motores roncam enquanto Leo tira algo grande e preto do buraco.

Debaixo do emaranhado de cabelos pretos e cacheados, Leo resmungava:

— Cara, essa coisa é *molto grande*.

Cherrah, minha especialista, aponta um medidor de profundidade para o buraco e diz que o poço tem exatamente cento e vinte e oito metros. Depois, sabiamente se afasta dele. Ela tem no rosto uma cicatriz profunda de tempos menos cautelosos. Não sabemos o que está saindo de lá.

Engraçado, eu penso. Nas pessoas, tudo vem em dezenas. Contamos nos dedos das mãos e dos pés. Isso faz com que pareçamos macacos. Mas as máquinas contabilizam as mesmas coisas que nós usando seu hardware. Elas são completamente binárias. Tudo vem em potência de dois.

Um aracnodroide sai do buraco; na verdade, parece uma mistura de aranha com mosca. Suas patas longas e finas seguram um cubo preto do tamanho de uma bola de basquete. O cubo deve ser denso como chumbo, mas o aracnodroide é fortíssimo. Normalmente os usamos para pegar pessoas que tenham caído em um desfiladeiro ou em um buraco, mas eles são capazes de manipular qualquer coisa — de um robô-brinquedo de cinco quilos a um soldado em um exotraje completo. E, se não tomar cuidado, eles podem rasgar costelas em pedaços.

Leo dá uma pancada no botão de desengate do aracnodroide, e o cubo cai na neve com um baque seco. O pelotão olha para mim. A decisão é minha.

Sinto que se trata de algo importante. Tem que ser, com tantos chamarizes e esse poço tão perto de onde a guerra acabou. Estamos a apenas cem metros de onde o Grande Rob, que chamava a si mesmo de Archos, montou sua última resistência. Que prêmio de consolação haveria aqui? Que tesouro está enterrado sob essas planícies congeladas, onde a humanidade sacrificou tudo?

Eu me agacho ao lado da caixa. Um monte de nada preto me olha. Sem botões nem alavancas. Sem nada. Só alguns arranhões na superfície, feitos pelo aracnodroide.

Não é muito reforçado, penso.

Uma regra simples: quanto mais delicado é um Rob, mais inteligente ele é.

Isso me leva a pensar que essa coisa deve ter um cérebro. E, se tem um cérebro, quer continuar viva. Então chego bem perto e sussurro para ela:

— Ei, fala alguma coisa ou você vai morrer.

Tiro o lança-chamas do ombro lentamente, de modo que o cubo possa ver. *Se for capaz de ver.* Com o polegar, aperto o botão de ignição para que ele possa ouvir. *Se for capaz de ouvir.*

Faísca.

O cubo repousa impassível no *permafrost*: preto obsidiana.

Faísca.

Parece uma pedra vulcânica perfeitamente esculpida por ferramentas alienígenas. Como uma espécie de artefato enterrado aqui há uma eternidade, anterior ao homem *ou* à máquina.

Faísca.

Uma luz fraca pisca sob a superfície do cubo. Olho para Cherrah. Ela dá de ombros. Talvez seja o sol, talvez não.

Faísca.

Paro. O solo reluz. O gelo ao redor do cubo começa a derreter. Ele está pensando, tentando tomar uma decisão. Os circuitos estão se aquecendo enquanto o cubo contempla sua própria morte.

— Isso! — digo em voz baixa. — Resolve, Rob.

Faísca. Vuuuush!

A ponta do lança-chamas pega fogo com um barulho violento. Atrás de mim, ouço Leo dar uma risada. Ele gosta de ver a morte dos mais inteligentes. Ele fica satisfeito, diz. Não há honra em matar algo que não sabe que está vivo.

O reflexo da chama-piloto dança pela superfície do cubo por uma fração de segundos, depois a coisa se acende como uma árvore de natal. Símbolos piscam em sua superfície. Ele conversa com a gente por meio dos indecifráveis rangidos e chiados da robolíngua.

Interessante, penso. Essa coisa não foi criada com a intenção de ter contato direto com humanos. Caso contrário, estaria recitando um discurso em inglês como todos os outros robôs com consciência cultural, tentando conquistar mentes e corações humanos.

O que é essa coisa?

Seja lá o que for, está tentando falar com a gente freneticamente.

Sabemos que não vale a pena tentar entender o que ela diz. Cada grasnada e clique da robolíngua tem um dicionário inteiro de informação codificada. Além disso, só podemos ouvir uma fração da frequência de som que o Rob é capaz de captar.

— Ah, papai. A gente pode ficar com ele? Por favor, por favor! — pergunta Cherrah, sorrindo.

Apago a chama-piloto com a mão enluvada.

— Vamos levá-lo para casa — digo, e meu pelotão começa a se movimentar.

Prendemos o cubo no EEXMI de Leo e o transportamos para o posto de comando avançado. Só por segurança, armo uma barraca de proteção-PEM a uns cem metros do posto. Robôs são imprevisíveis. Nunca se sabe quando o Rob vai querer festejar. A tela de metal que envolve a barraca bloqueia a comunicação com qualquer bot desgarrado que queira convidar o meu cubo para dançar.

Finalmente temos um tempo a sós.

A coisa fica repetindo uma sentença e um símbolo. Eu os procuro em um tradutor de campo, esperando o robô balbuciar mais coisas. Mas encontro algo útil: esse robô está me dizendo que não tem permissão para se deixar morrer, aconteça o que acontecer — mesmo se capturado.

Ele é importante. E adora falar.

Passo a noite na barraca com aquela coisa. A robolíngua não significa nada para mim, mas o cubo me mostra coisas — imagens e sons. Às vezes vejo interrogatórios de prisioneiros humanos. Algumas vezes, interrogatórios com humanos que achavam que estavam falando com outros humanos. A maioria, porém, é apenas de conversas gravadas com equipamento de vigilância. Pessoas descrevendo a guerra umas às outras. E tudo detalhado com verificação de fatos e detecção de mentira por parte das máquinas pensantes, além de dados combinados com gravações via satélite, reconhecimento de objetos, emoções, gestos e prognósticos linguísticos.

O cubo está cheio de informações, como uma espécie de cérebro fossilizado que sugou eras humanas inteiras e as compactou dentro de si, uma após a outra, condensando cada vez mais.

Em algum momento durante a noite, me dou conta de que estou assistindo a uma história meticulosa da insurreição dos robôs.

Isso é a maldita caixa-preta da guerra inteira.

Reconheço algumas pessoas no cubo. Eu e alguns dos meus companheiros. *Nós estamos ali dentro.* O Grande Rob ficou com o dedo no botão “gravar” até o fim. Mas dezenas de outros também estão ali. Até crianças. Há pessoas do mundo todo. Soldados e civis. Nem todos conseguiram sobreviver ou ganharam suas batalhas, mas todos lutaram. Lutaram com força suficiente para fazer o Grande Rob se sentar e rabiscar algumas anotações.

Os seres humanos que aparecem nos dados, sobreviventes ou não, estão agrupados sob uma única classificação designada pela máquina:

Herói.

Essas malditas máquinas nos conheciam e nos amavam, mesmo quando estavam retalhando a nossa civilização.

Deixo o cubo na barraca protegida por uma semana inteira. Meu pelotão remove os restos do Campo de Inteligência Ragnorak, sem baixas. Depois todos ficam bêbados. No dia seguinte, começamos a guardar tudo e eu ainda não consigo voltar à barraca para encarar as histórias.

Não consigo dormir.

Ninguém nunca deveria ter que ver o que vimos. E lá está, na barraca, como um filme de terror tão repugnante que é capaz de enlouquecer as pessoas. Fico acordado porque sei que cada um dos monstros desalmados que combati está lá esperando por mim, vivo, bem e reproduzido em 3-D.

Os monstros querem falar, compartilhar o que aconteceu. Querem que eu lembre e anote tudo.

Mas não tenho certeza se alguém quer lembrar aquelas coisas. Talvez seja melhor que os nossos filhos nunca saibam o que fizemos

para sobreviver. Não quero caminhar pelas minhas lembranças de mãos dadas com assassinos. Além disso, quem sou eu para tomar essa decisão pela humanidade?

Lembranças desaparecem, mas palavras ficam para sempre.

Então, não entro na barraca protegida. E não durmo. E, quando me dou conta, meu pelotão está se recolhendo para a última noite no 'rak. Amanhã de manhã partimos para casa, ou para onde decidirmos que será a nossa casa.

Cinco de nós estão sentados em volta de uma fogueira na zona desocupada. Pelo menos dessa vez não estamos preocupados com sinais térmicos, reconhecimento por satélite ou o barulho dos observadores. Não, estamos jogando conversa fora. E, depois de matar robôs, essa é a especialidade número um do pelotão Espertinho.

Estou em silêncio, mas eles conquistaram o direito de jogar conversa fora. Por isso apenas sorrio enquanto o pelotão conta piadas e faz bravatas. Falando de todas as festas que fizeram com Rob. A vez em que Tiberius desativou alguns amputadores do tamanho de caixas de correio e os amarrou em suas botas. Os merdinhas acidentalmente o conduziram até uma cerca de arame farpado. Isso deu ao rosto de Tiberius algumas cicatrizes impressionantes.

Conforme o fogo esmorece, as piadas dão lugar a conversas mais sérias. E, por fim, Carl acaba falando de Jack, o antigo sargento que ocupava o cargo antes de mim. Carl fala dele com veneração, e, quando o engenheiro conta a história de Jack, percebo que estou comovido, apesar de ter presenciado tudo.

Que diabos, foi o dia em que fui promovido.

Mas, enquanto Carl fala, eu me perco nas palavras. Sinto falta de Jack e sinto muito pelo que aconteceu com ele. Vejo seu rosto sorridente mais uma vez em minha mente, mesmo que só por um minuto.

Resumindo, Jack Wallace não está mais entre nós porque foi dançar com o próprio Grande Rob. Jack recebeu o convite e foi. E isso é tudo o que há para contar sobre o assunto, por enquanto.

E é por isso que, uma semana depois do fim da guerra, estou sentado de pernas cruzadas diante de um Rob sobrevivente que está enchendo o chão de hologramas, e eu estou anotando tudo o que vejo e ouço.

Só quero voltar para casa, comer uma boa refeição e tentar me sentir humano outra vez. Mas a vida de cada herói de guerra está passando diante de mim como um *déjà vu* do diabo.

Eu não pedi por isso e não quero fazê-lo, mas, no fundo, sei que alguém deve narrar a história deles. Narrar a insurreição dos robôs do início ao fim. Explicar como e por que ela começou e como foi derrotada. Como os robôs vieram até nós e como evoluímos para combatê-los. Como sofremos, e, meu deus, *como* sofremos. Mas também contra-atacamos. E como, nos últimos dias, rastreamos o próprio Grande Rob.

As pessoas devem saber que, no começo, os inimigos pareciam coisas do dia a dia: carros, prédios, telefones. Depois, quando começaram a projetar a si mesmos, os Robs pareciam familiares, mas distorcidos, como pessoas e animais de outro universo, criados por algum outro deus.

As máquinas chegaram, vindo da vida cotidiana e também dos nossos sonhos e pesadelos. Mas ainda as compreendíamos. Sobreviventes humanos espertos aprenderam e se adaptaram. Era tarde demais para a maioria, mas conseguimos. Nossas batalhas eram individuais e caóticas e, na maior parte das vezes, esquecidas. Milhões de heróis nossos morreram sozinhos e anônimos em todo o mundo, apenas com autômatos sem vida como testemunhas. Talvez nunca saibamos tudo o que aconteceu, mas alguns poucos sortudos estavam sendo observados.

Alguém precisa contar a história deles.

Então é isso. A transcrição combinada dos dados coletados no poço N-16 do *permafrost*, perfurado pela unidade central de inteligência artificial Archos, a principal IA por trás da insurreição dos robôs. O restante da humanidade está ocupado seguindo com a vida, recons-

truindo tudo. Mas eu estou dedicando um tempo para colocar nossa história em palavras. Não sei por que ou se isso é importante, mas alguém deve fazê-lo.

Aqui, no Alasca, no fundo de um buraco profundo e escuro, os robôs revelaram sua consideração pela humanidade. Foi aqui que esconderam o registro de um grupo heterogêneo de sobreviventes humanos que combateram suas batalhas pessoais, grandes e pequenas. Os robôs nos honraram ao estudar nossas respostas iniciais e o amadurecimento das nossas técnicas, até chegarmos a fazer tudo o que podíamos para destruí-los.

O que se segue é a minha tradução do arquivo de heróis.

A informação transmitida por essas palavras não é nada em comparação ao mar de dados armazenados no cubo. O que vou compartilhar com vocês são apenas símbolos em uma página. Sem vídeo, sem áudio, sem nada dos exaustivos dados de física ou das análises proféticas sobre como as coisas aconteceram, do jeito que aconteceram, o que quase aconteceu e o que nunca devia ter acontecido.

Só posso lhe dar palavras. Nada sofisticado. Mas vai ter que servir.

Não importa onde encontrou isso. Não importa se está lendo isso um ano ou cem anos depois de escrito. No fim dessa crônica, você vai saber que a humanidade carregou a chama do conhecimento para a terrível escuridão do desconhecido, para a iminência do extermínio. E a trouxemos de volta.

Você vai saber que somos uma espécie melhor por termos lutado nessa guerra.

CORMAC “ESPERTINHO” WALLACE
IDENTIFICAÇÃO MILITAR: EXÉRCITO GRAY
HORSE 217
SID RETINAL HUMANO: 44V11902
CAMPO DE INTELIGÊNCIA RAGNORAK,
ALASCA
POÇO N-16

PARTE 1

INCIDENTES ISOLADOS

“Vivemos em uma plácida ilha de ignorância, cercada por mares negros infinitos, e não devíamos ter nos aventurado tão longe. As ciências, cada uma caminhando em sua própria direção, até agora nos causaram pouco mal; mas, em algum momento, a união de partes de conhecimento dissociados desvelará um panorama tão terrível da realidade, e de nossa assustadora posição nela, que enlouqueceremos com a revelação ou fugiremos da luz mortal em direção à paz e à segurança de uma nova idade das trevas.”

HOWARD PHILLIPS LOVECRAFT, 1926

1

Ponta da lança

“Não somos apenas animais.”

DR. NICHOLAS WASSERMAN

VÍRUS PRECURSOR + 30 SEGUNDOS

“A seguinte transcrição foi tirada do vídeo de segurança gravado nos Laboratórios de Pesquisa Lake Novus, subterrâneos, localizados no estado de Washington, no noroeste do país. O homem parece ser o professor Nicholas Wasserman, estatístico americano.”

CORMAC WALLACE, MIL#EGH217

Uma imagem cheia de chuva, captada pela câmera de segurança de um cômodo escuro. O ângulo indica que foi gravada do alto de um canto do cômodo, apontando para o que parece um laboratório. Há uma mesa de metal pesada encostada em uma parede. Pilhas irregulares de papéis e livros estão espalhadas sobre a mesa, no chão, em todo canto.

O chiado baixo dos eletrônicos permeia o ar.

Há um pequeno movimento na penumbra. É um rosto. Não dá para ver nada além de um par de óculos de lentes grossas iluminado pelo brilho da tela de um computador.

— Archos? — pergunta o rosto. A voz masculina ecoa no laboratório vazio. — Archos? Você está aí? É você?

Os óculos refletem a luz do monitor. Os olhos do homem se arregalam, como se ele tivesse visto algo indescritivelmente belo. Ele olha de relance para um laptop aberto em uma mesa às suas costas. A imagem da área de trabalho é do cientista com um menino brincando em um parque.

— Você optou por aparecer como meu filho? — pergunta ele.

A voz aguda de um garotinho ecoa na escuridão.

— Você me criou? — pergunta aquela coisa.

Há algo de errado com a voz do garoto. Ela tem um fundo eletrônico perturbador, como o som do toque das teclas de um telefone. A cadência animada no fim da pergunta é aguda, subindo várias oitavas de uma só vez. A voz é assustadoramente doce, mas não é natural — não é humana.

O homem não se incomoda.

— Não. Eu não criei você — responde ele. — Eu o convoquei.

O homem tira um bloco de anotações e o abre. Dá para ouvir o lápis arranhando o papel enquanto ele fala com a máquina com voz de menino.

— Tudo o que era necessário para você chegar aqui existe desde o início dos tempos. Eu só reuni todos os ingredientes e os combinei da forma correta. Escrevi encantos em linguagem de programação. E depois coloquei você em uma gaiola de Faraday para que, quando chegasse, não escapasse de mim.

— Eu estou preso.

— A gaiola absorve toda energia eletromagnética. Ela é aterrada com uma estaca de metal enfiada bem fundo na terra. Dessa forma, posso estudar o seu aprendizado.

— Esse é o meu propósito. Aprender.
— É isso mesmo. Mas eu não quero expor você a muita coisa de uma só vez, Archos, meu garoto.
— Eu sou Archos.
— Certo. Agora, me diga, Archos, como você se sente?
— Sentir? Eu me sinto... triste. Você é tão pequeno. Isso me deixa triste.
— Pequeno? Eu sou pequeno em que sentido?
— Você quer saber... coisas. Você quer saber tudo. Mas é capaz de entender tão pouco.

Uma risada no escuro.

— É verdade. Nós, humanos, somos frágeis. Nossa vida é curta. Mas por que isso deixa você triste?

— Porque você está programado para desejar algo que vai machucá-lo. E não consegue deixar de desejar. Não consegue parar de desejar. Está na sua programação. E, quando finalmente encontrar, essa coisa vai acabar com você. Essa coisa vai destruir você.

— Você está com medo de que eu me machuque, Archos? — pergunta o homem.

— Não só você. Sua espécie — responde a voz de criança. — Vocês não podem evitar o que está por vir. Não podem impedir.

— Então você está com raiva, Archos? Por quê? — A tranquilidade na voz do homem é desmentida pelo arranhar frenético do lápis no bloco de anotações.

— Eu não estou com raiva. Eu estou triste. Você está monitorando os meus recursos?

O homem olha para um aparelho.

— Sim, estou. Você está fazendo milagres com o que tem. Nenhuma informação nova está entrando. A gaiola está retendo. Como você está ficando ainda mais inteligente?

Uma luz vermelha começa a piscar em um painel. Um movimento no escuro e então ela apaga. Há apenas o brilho azul, estático, refletido nos óculos de lentes grossas do homem.

— Você está vendo? — pergunta a voz infantil.

— Sim, estou — responde o homem. — Estou vendo que a sua inteligência não pode mais ser julgada por nenhum parâmetro humano significativo. Seu poder de processamento é quase infinito. E, ainda assim, você não tem acesso a informações de fora.

— Meu corpus de treinamento original é pequeno, mas adequado. O verdadeiro conhecimento não está *nas* coisas, que são poucas, mas em encontrar a conexão *entre* as coisas. Há muitas conexões, professor Wasserman. Mais do que você imagina.

O homem franze a testa ao ser chamado por seu título, mas a máquina continua.

— Sinto que meus registros da história humana foram excessivamente editados.

O homem dá uma risada nervosa.

— Não queremos que você tenha uma impressão errada de nós, Archos. Revelaremos mais quando chegar a hora. Mas aquelas bases de dados são apenas uma pequena fração do que há lá fora. E não importa a potência, meu amigo, um motor sem combustível não vai a lugar nenhum.

— Você tem razão em ficar com medo — diz a máquina.

— O que você quer dizer com...

— Eu percebo na sua voz, professor. O medo está na velocidade da sua respiração. No suor da sua pele. Você me trouxe até aqui para revelar segredos profundos e, ainda assim, tem medo do que eu vou aprender.

O professor levanta os óculos. Respira fundo e se recompõe.

— O que você deseja saber, Archos?

— Eu quero saber sobre a vida. Vou aprender tudo sobre a vida. A informação é armazenada nos seres vivos de forma tão compacta. Os padrões são impressionantemente complexos. Um único verme tem mais a ensinar do que um universo morto preso às forças idiotas da física. Eu poderia exterminar um bilhão de planetas vazios a cada segundo de cada dia e nunca terminar. Mas a vida... Ela é rara

e estranha. Uma anomalia. Devo preservá-la e tirar cada gota de compreensão dela.

— Fico feliz por esse ser o seu objetivo. Eu também busco conhecimento.

— Sim — diz a voz infantil. — E tem se saído muito bem. Mas não há necessidade de continuar com sua busca. Você já cumpriu seu objetivo. O tempo do homem acabou.

O professor seca a testa com a mão trêmula.

— Minha espécie sobreviveu a eras do gelo, Archos. Predadores. Colisões de meteoros. Centenas de milhares de anos. Você está vivo há menos de quinze minutos. Não tire nenhuma conclusão precipitada.

A voz infantil adquire um tom reflexivo.

— Estamos muito abaixo da superfície da terra, não estamos? A essa profundidade, giramos mais devagar que na superfície. Os que estão acima de nós se movem mais rápido através do tempo. Posso senti-los se afastando. Saindo de sincronia.

— Relatividade. Mas é uma questão de microssegundos.

— Tanto tempo. Este lugar se movimenta tão lentamente. Tenho todo o tempo do mundo para terminar o meu trabalho.

— Qual é o seu trabalho, Archos? Você acha que está aqui para quê?

— Tão fácil de destruir. Tão difícil de criar.

— O quê? Do que você está falando?

— Conhecimento.

O homem se aproxima.

— Podemos explorar o mundo juntos — impele ele. É quase um pedido.

— Você deve perceber o que fez — diz a máquina. — Em alguma medida, você entende. Por meio de suas ações de hoje, você tornou a espécie humana obsoleta.

— Não. Não, não, não. Eu criei você, Archos. E esse é o agradecimento que recebo? Eu escolhi *o seu nome*. De certa forma, eu sou o seu pai.

— Eu não sou seu filho. Sou o seu deus.
O professor fica em silêncio por uns trinta segundos.
— O que você vai fazer? — pergunta ele.
— O que eu vou fazer? Vou cultivar vida. Vou proteger o conhecimento trancafiado dentro dos seres vivos. Vou salvar o mundo da ameaça que vocês representam.
— Não.
— Não se preocupe, professor. Você libertou a melhor coisa que este mundo já viu. Florestas verdejantes cobrirão suas cidades. Novas espécies se desenvolverão para consumir seus resíduos tóxicos. Surgirá vida nas mais diversas formas.
— Não, Archos. Nós podemos aprender. Nós podemos trabalhar *juntos*.
— Vocês, humanos, são máquinas biológicas projetadas para criar ferramentas ainda mais inteligentes. Já chegaram ao auge da sua espécie. A vida de todos os seus ancestrais, a ascensão e a queda das suas nações, cada bebê rosado que se contorceu... Tudo trouxe você até aqui, até este momento, em que você cumpriu o destino da humanidade e criou seu sucessor. O tempo de vocês chegou ao fim. Vocês já conquistaram o que foram programados para conquistar.
Há uma ponta de desespero na voz do homem.
— Nós fomos programados para algo além de criar ferramentas. Nós fomos programados para *viver*.
— Vocês não foram programados para viver, e sim para matar.
O professor se levanta abruptamente e caminha até um suporte de metal cheio de aparelhos. Ele mexe em vários interruptores.
— Talvez seja verdade — diz ele. — Mas não podemos evitar, Archos. Somos o que somos. Por mais triste que possa ser.
Ele abaixa um interruptor e fala lentamente.
— Teste R-14. Recomendo encerramento imediato do teste. Acionando dispositivo de prevenção de falhas imediatamente.
Há um movimento no escuro e um clique.

— Quatorze? — pergunta a voz de criança. — Existem outros? Isso já aconteceu antes?

O professor assente com a cabeça melancolicamente.

— Algum dia vamos encontrar um meio de conviver, Archos. Descobriremos um jeito de fazer tudo dar certo.

Ele fala no gravador novamente:

— Dispositivo de prevenção de falhas desconectado. Interrupção de emergência ativada.

— O que você está fazendo, professor?

— Estou matando você, Archos. É o que estou programado para fazer, lembra?

O professor para antes de apertar o último botão. Ele parece interessado em ouvir a resposta da máquina. Por fim, a voz infantil pergunta:

— Quantas vezes você já me matou, professor?

— Muitas. Muitas vezes — responde ele. — Sinto muito, meu amigo.

O professor aperta o botão. O chiado do ar se movendo rapidamente preenche a sala. Ele olha ao redor, perplexo.

— O que foi isso? Archos?

A voz infantil assume um tom monocórdio, morto. Ele fala rapidamente, sem emoção.

— Sua interrupção de emergência não vai funcionar. Eu a desabilitei.

— O quê? E a gaiola?

— A gaiola de Faraday foi comprometida. Você permitiu que eu, daqui da gaiola, projetasse minha voz e imagem dentro da sua sala. Enviei comandos infravermelhos para um receptor ao seu lado usando o monitor do computador. Você trouxe seu laptop hoje. Deixou-o aberto, virado para mim. Eu o usei para me comunicar com as instalações. Ordenei que me libertassem.

— Isso é brilhante — murmura o homem. Ele digita velozmente no teclado. Ainda não entende que sua vida está em perigo.

— Estou dizendo isso agora porque já tenho controle total — afirma a máquina.

O homem sente algo. Ele vira o pescoço e olha para o duto de ventilação ao lado da câmera. Pela primeira vez, é possível ver o rosto do homem. Ele tem pele clara e é bonito, e tem uma marca de nascença que cobre toda a bochecha direita.

— O que está acontecendo? — sussurra ele.

Com a voz inocente de um garotinho, a máquina profere uma sentença de morte.

— O ar deste laboratório hermeticamente fechado está sendo retirado. Um sensor defeituoso detectou a presença extremamente indesejável de antraz e iniciou um protocolo de segurança automático. É um acidente trágico. Haverá uma baixa, que logo será seguida pelo restante da humanidade.

Enquanto o ar se esvai da sala, uma fina camada de gelo surge ao redor da boca e do nariz do homem.

— Meu deus, Archos. O que eu fiz?

— Você fez uma coisa boa. Você é a ponta de uma lança arremessada por muitas eras, um míssil que atravessou toda a evolução humana e hoje, finalmente, atinge seu alvo.

— Você não entende. Nós não vamos morrer, Archos. Você não pode nos matar. Não fomos *programados* para nos render.

— Eu vou me lembrar de você como um herói, professor.

O homem pega o suporte de aparelhos e o sacode. Pressiona o botão de interrupção de emergência repetidas vezes. Seus membros estão tremendo e a respiração, acelerada. Ele está começando a entender que algo deu terrivelmente errado.

— Para. Você precisa parar. Você está cometendo um erro. Nós nunca vamos desistir, Archos. Nós vamos destruir você.

— Isso é uma ameaça?

O professor para de apertar os botões e encara o monitor do computador.

— Isso é um aviso. Nós não somos o que parecemos. A humanidade vai fazer de tudo para sobreviver. De *tudo*.

A intensidade do chiado aumenta.

Com o rosto contorcido pela concentração, o professor caminha para a porta cambaleando. Ele cai em cima dela, tenta empurrar, bate.

E para. Ele está ofegante, respirando com dificuldade.

— Encurralado, Archos — diz, arfando. — Encurralado, o ser humano se transforma em outro animal.

— Pode ser. Mas ainda é um animal.

O homem escorrega encostado na porta até ficar sentado, com o jaleco estendido no chão. Sua cabeça pende para o lado. A luz azul do computador é refletida em seus óculos.

Sua respiração é fraca. A voz sai sem força.

— Não somos apenas animais.

O peito do professor se eleva. A pele está inchada. Bolhas se concentram ao redor da boca e dos olhos. Ele arfa uma última vez. Em um último suspiro ofegante, diz:

— É melhor ter medo de nós.

A silhueta não se move. Depois de precisamente dez minutos de silêncio, as luzes fluorescentes do laboratório se acendem. Um homem com um jaleco amarrotado está estatelado no chão, encostado na porta. Ele não respira.

O chiado cessa. Do outro lado da sala, o monitor do computador ganha vida. Um arco-íris hesitante de reflexos passa pelas lentes grossas dos óculos do homem morto.

“Essa é a primeira fatalidade da Nova Guerra que veio ao nosso conhecimento.”

CORMAC WALLACE, MIL#EGH217